

Entrevista concedida pela Professora Monica Grin, atual Coordenadora do PPGHIS / UFRJ, em ocasião das celebrações dos 30 anos de criação do Programa ao Comitê Editorial da Revista *Ars Historica*

Ars Histórica – O que você espera de um programa de Pós-graduação em História/na área de Humanidades nota 6, atualmente, no Brasil? De que modo ele pode se articular com a sociedade em geral?

Prof. Monica Grin – Quero, em primeiro lugar, agradecer a oportunidade de falar sobre o PPGHIS para uma revista de estudantes de pós-graduação.

O que espero de um Programa 6 da área de humanidades? Acho que um bom Programa de Pós-graduação em humanidades deve ter um corpo docente dos mais relevantes e produtivos e que garanta propostas inovadoras e desafiadoras para o seu corpo discente, para a comunidade acadêmica em geral e para a sociedade. Ele deve ser um programa que produza ideias e não apenas as consuma. Que estimule seus estudantes a enfrentarem seus temas de pesquisas com perguntas pertinentes e ousadas. Que generosamente garanta aos estudantes repertório teórico e analítico que fundamentem suas pesquisas. Que viabilize fóruns de debates sobre questões do mundo acadêmico nacional e internacional. Uma pós-graduação 6 deve, sobretudo, estimular seus estudantes a buscarem desafios intelectuais e profissionais dentro e fora do Brasil.

Um Programa 6 deve formar historiadores com senso crítico e que devolvam à sociedade o que eles foram capazes de acumular em conhecimento e criatividade.

AH – Quais são suas expectativas em relação à Coordenação do PPGHIS? / Quais são as novidades do programa? O que você já conseguiu fazer de novo e o que pretende fazer ao longo do período de coordenação?

Prof. Monica – Assumir a coordenação de um Programa de Pós-graduação 6 (Proex) é uma tarefa de extrema responsabilidade e bastante desafiadora. Desde que assumi, junto com a minha vice-coordenadora, Andrea Casa Nova, tenho reiterado a necessidade de que o Programa adote objetivos claros que o torne um diferencial na área de humanidades. A pergunta que me fiz inicialmente foi: que estratégias o PPGHIS pode adotar para se transformar em um Programa reconhecido no Brasil e fora do Brasil pela qualidade de seu corpo docente e do seu corpo discente? O que precisamos para nos tornar um Programa de excelência e altamente singular que atraia estudantes, pós-doutores, professores visitantes, pesquisadores do Brasil e do mundo? Uma das linhas que priorizamos, além de tentar garantir bolsas de estudos para o maior número de estudantes (aprovamos o uso de 92% de nosso capital de custeio para bolsas de doutorado e mestrado), é a internacionalização do Programa. Temos criado condições atraentes para ter professores e pesquisadores internacionais de ponta através de convênios com várias universidades do exterior; através da participação de especialistas internacionais em nossas bancas, especialmente de doutorado; através de seminários internacionais, de bolsas sanduiches que permitem que nossos estudantes desfrutem de outros ambientes acadêmicos e retornem com um repertório criativo para desenvolver suas teses; através da tradução de artigos para línguas que possam garantir alguma visibilidade às nossas produções. Temos também estimulado a saída de nossos professores para estágio pós-doutoral no exterior a fim de que redes acadêmicas de alcance global sejam criadas e cultivadas. A revista *Topoi* tem sido um veículo importante de atração de estudos inéditos de acadêmicos dos mais diversos lugares no Brasil e do mundo e o esforço do comitê editorial para garantir visibilidade internacional à *Topoi* tem sido notável. Realizamos agora a tradução do site do PPGHIS para o inglês em uma tentativa de atrair o olhar internacional para o nosso Programa. Nossos esforços dirigem-se também para a oferta

de minicursos (que valem créditos) com grandes historiadores internacionais. Portanto, o nosso principal objetivo no último ano tem sido o de incrementar as possibilidades de internacionalização do Programa. É claro que há ainda muito o que fazer para realizar com sucesso esse objetivo. Nossa expectativa é que, ao final do mandato, o Programa tenha consolidado uma vocação para atrair redes internacionais que promovam, sobretudo, nossas pesquisas fora do Brasil.

Um outro aspecto que merece nossa atenção é o reforço de linhas pesquisas que reflitam o que o nosso corpo docente, em sua diversidade, vem pesquisando. Nossa expectativa é que em algum momento os estudantes possam escolher o PPGHIS não apenas pelos méritos individuais de nossos professores, mas pelas linhas de pesquisa da qual ele são parte. Hoje o PPGHIS abriga áreas de pesquisas altamente reconhecidas, a exemplo dos estudos sobre o período da ditadura, dos estudos ambientais, ou de religiosidades, pensamento latino-americano, antigo regime nos trópicos, estudos judaicos, demografia da escravidão, apenas para citar alguns.

A produção do nosso corpo docente e discente tem sido notável e a nossa aposta é que ela se internacionalize cada vez mais.

AH – O que você espera da relação entre professores e estudantes?

Prof. Monica – Temos refletido sobre a importância de valorizar nosso corpo discente, primeiro através do aumento da cota de bolsas (92%); depois promovendo palestras e minicursos com professores que podem fazer diferença na formação do alunado a exemplo de Giovanni Levi, Jean-Frédéric Schaub, Nuno Monteiro, Kostas Vlassopoulos, entre outros. Temos apoiado os estudantes em suas demandas através de auxílios para participação em eventos, apoio à Jornada, à Revista *Ars Historica*, e lutando por mais bolsas sanduiches. Inauguramos os prêmios de Melhor Tese Manoel Salgado e de Melhor Dissertação Ana Lugão e temos tentado, através de aulas magnas, de encontros de confraternização, promover uma maior socialização de professores e alunos do PPGHIS. A expectativa é que no próximo ano essa interação possa ser revigorada. Em 2014 teremos alguns eventos comemorativos a propósito dos 50 anos da ditadura militar, dos cem anos da Primeira Guerra Mundial e dos 40 anos da Revolução dos Cravos. Estamos começando a dar forma a esses eventos.

AH – Finalmente, conte um pouco de sua relação com o PPGHIS: como você começou a lecionar na Pós-graduação?

Sou professora do PPGHIS desde 2001, ocasião em que defendi minha tese de doutorado. Minha trajetória acadêmica foi marcada pelas interfaces entre História e Ciências Sociais desde a graduação na PUC, passando pela Pós-graduação em Ciência Política no IUPERJ. Fui apresentada aos colegas de colegiado por José Murilo de Carvalho, que fora meu professor no IUPERJ. Ofereci cursos durante anos seguidos com a Prof. Ana Lugão sobre pós-abolição. Ofereci também cursos sobre racismo e sobre o tema da miscigenação no período da escravidão e do pós-abolição. Mais recentemente criei um Núcleo de Estudos Judaicos (NIEJ) e estou me preparando para oferecer no próximo ano um curso sobre sentimentos morais, violência e história, assumindo o pós-holocausto como circunstância paradigmática para refletir sobre essas questões. Recentemente tornei-me coordenadora do PPGHIS com o conforto e o desafio de quem herda um Programa Proex, cuja memória consolidada pelas conquistas dos seus ex-coordenadores me impõe o dever e o prazer de tornar o PPGHIS um dos mais importantes programas de excelência na área de humanidades.